

MAYA WEISHOF



SIMÕES DE ASSIS

Nas primeiras vezes em que visitei o estúdio da Maya Weishof no espaço de residências do Pivô¹, me chamou a atenção o manuseio obstinado que ela fazia de uma grande tesoura, vários lápis de cor e alguns pincéis. Era uma espécie de dança não coreografada e pouco inteligível para os que passavam pelos corredores da instituição, mas não para desenhos espalhados pelas bordas do ateliê-cubículo, que sabem sempre do que aquilo tudo se trata.

Para Maya, alguns desenhos são premissas para pinturas outros são promessas abandonadas. Os traços rápidos em folhas de caderno convivem com pinturas em processo e com outras secando entre retalhos pisoteados e livros manchados.

Qual é a liga entre isso tudo? A fita adesiva logo perde a cola em meio à poeira do centro de São Paulo, embaralhando fragmentos de corpos, monstros meio gente-meio planta, cabeças falantes e toda uma sorte de formas antropomórficas não identificadas. No trabalho de Maya Weishof nada gruda, mas tudo se entrelaça em um ritmo livre e frenético. De James Ensor a Peter Doig, do Patinho Feio às tradições judaicas, suas composições lisérgicas (mas não psicodélicas) adotam uma palheta peculiar, uma espécie de Sonia Delaunay subtropical que transita – elegante e irreverentemente – entre a escatologia e o erotismo; entre a alta costura e boca do lixo.

Outro curitibano, Paulo Leminski, escreveu:

Para que serve a pintura
a não ser quando apresenta
precisamente a procura
daquilo que mais aparente
quando ministra quarenta
enigmas vezes setenta?²

Eu sempre prefiro enigma à prova cabal. E para falar sobre a prática encaracolada de Maya Weishof, optamos por um exercício compartilhado, uma espécie de jogo de associação livre em que o desenho e a escrita se encontram em um lugar que para antes do argumento e da descrição objetiva. "Nunca houve isso, uma página em branco. No fundo todas gritam, pálidas de tanto"³, Leminski diz em outro poema. E o ponto de partida foi justamente esse: sobrepor repertórios, afetos, conversas pregressas e os novos compartilhamentos digitais que ocorreram diante da impossibilidade de visitar a artista e ver as pinturas de perto por conta da pandemia do Covid-19.

Ao longo dos últimos meses, Maya me enviou uma série de trabalhos que fazem parte da exposição Espelho Espanto na Galeria Simões de Assis. Optamos por falar de dez desenhos, os tratando como possíveis pontos de entrada para o seu universo peculiar, os tais desenhos-testemunha, que guardam assuntos picotados e se reconfiguram a todo momento.

Poucos dias antes da montagem da exposição, eu finalmente vi os trabalhos ao vivo. Foi a primeira vez em vários meses que estive diante das pinturas recém finalizadas. Enfim pude conversar com a artista sem nenhum tipo de mediação eletrônica e ver os desenhos sobre os quais escrevi. Voltei caminhando para casa com os olhos cheios das cores de Maya e deixei ali algumas palavras que carregava no bolso: seguimos habitando limiares e conversando sobre pintura.

Fernanda Brenner

¹ Em 2019, Maya Weishof participou da residência do Pivô Arte e Pesquisa em São Paulo.

² Leminski, Paulo. Sete Assuntos por Segundo in Toda Poesia. Companhia das Letras, 2013, p. 254.

³ Leminski, Paulo. Plena Pausa in Distraídos Venceremos. Companhia das Letras, 1987.

Aglomerados: anacronia.

Se reuniram em torno de um rumor. Alguns dão de ombros. Outros se jogam de cabeça. Quem disse o quê pouco importa.

A mensagem de segunda mão preenche o vão dos corpos em um segundo.

Palavra-hachura: alívio rápido para o constrangimento da incomunicabilidade.

Tem gente que é só contorno.

Cabe muita coisa no espaço que sobra entre os corpos que se encostam e não se entendem.

De quem são estes braços? Na dúvida, vou ficando por aqui...

Inimigo rumor.



Espero o momento em que vai entrar no quarto pra me dizer que está indo embora.

Habito um silêncio que é roupa. Roupa de modelagem bem cuidada feita com tecido corta-fogo (manta anti-chamas dobrada sobre o corpo).

As vezes não tem jeito. A linha escorrega e dissolve a emenda, desata o que parecia indissociável.

Figuras sem fundo; uma delas tem os pés no chão. Há questões que persistem.





Lápis apontados.

Pontas agudas talhadas com um estilete enquanto pensa na administração de manchas úmidas.

- Não ter que escolher cores as vezes é um alento, Miriam Cahn disse em uma entrevista.

A linha leve e firme ganha espessura no primeiro plano. O diabo sacana. Alguns fragmentos de corpos nus e um fauno de olhar perdido: a linha vai aonde quer. O desenho começa com uma urgência e termina quando a cabeça muda de assunto ou voando pela janela do estúdio, mantida sempre aberta para dissipar o cheiro de terebentina.

- O inferno está cheio de lápis apontados.

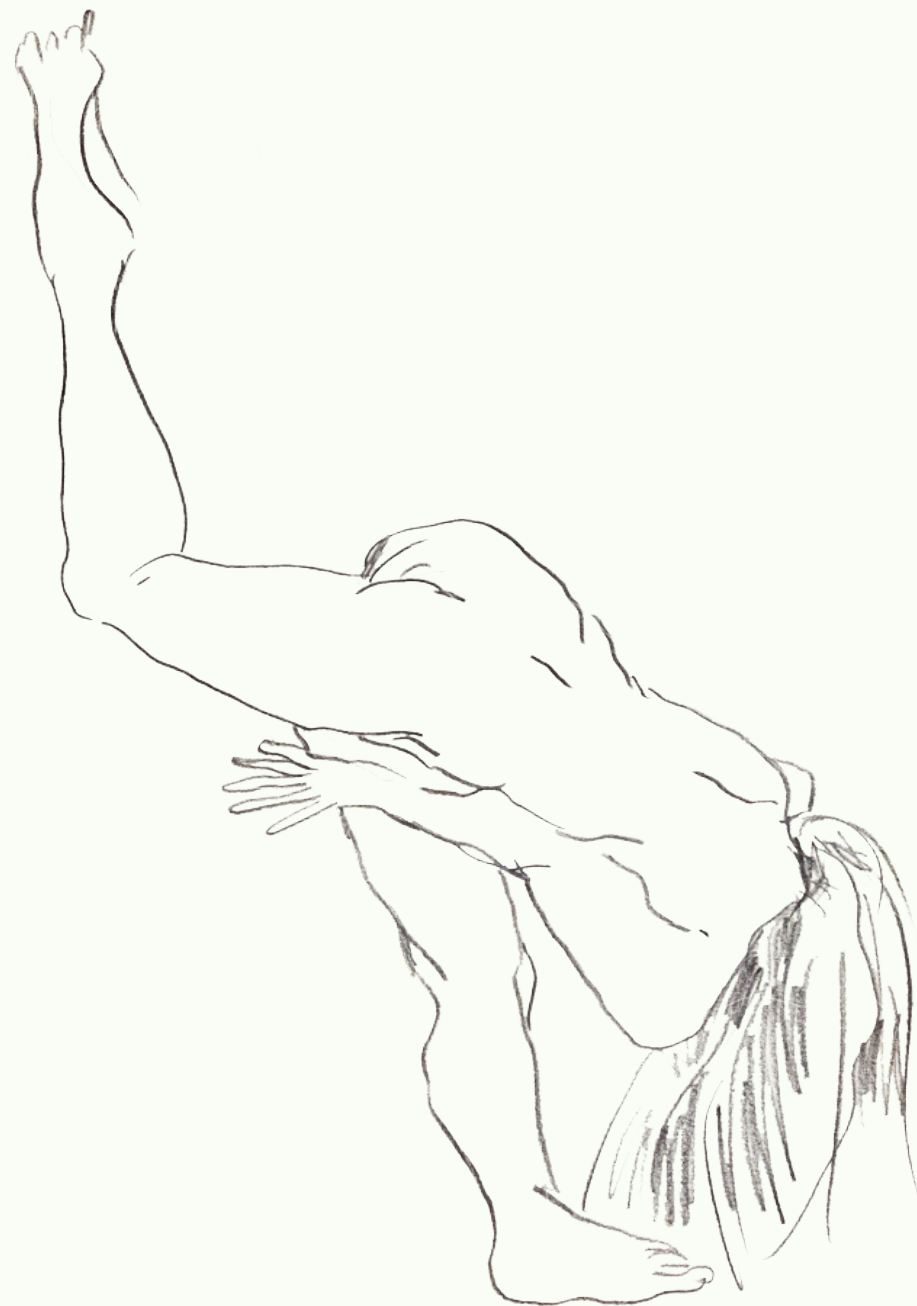
Hoje em dia ver tornozelos e panturrilhas em carne e osso é privilégio de quem vive junto.

Coreografia mais ou menos ensaiada - a vida dentro de um retângulo. Zoom.

Trisha Brown desenhava com os pés. Segurar o lápis firmemente entre os dedos requer força e flexibilidade. Se eu mexer esse dedinho a linha vai nesta ou naquela direção, um calcanhar mal gerido coloca tudo a perder.

Composição equilibrada, dizem.

O desenho de um corpo que dança ou um corpo que dança um desenho?





ARACNE

Oito pernas e cem olhos
São as ferramentas ideais para entrelaçar
fios finíssimos.

Tenho a impressão que aranhas são distraídas,
se entretêm com os próprios fios até toparem
com uma mosca qualquer e pronto, resolvem
a vida.

São como mãos que desenham pensando
em outra coisa. No fim, é tudo sobre achar as
ferramentas ideais : cem olhos e um lápis 6B.

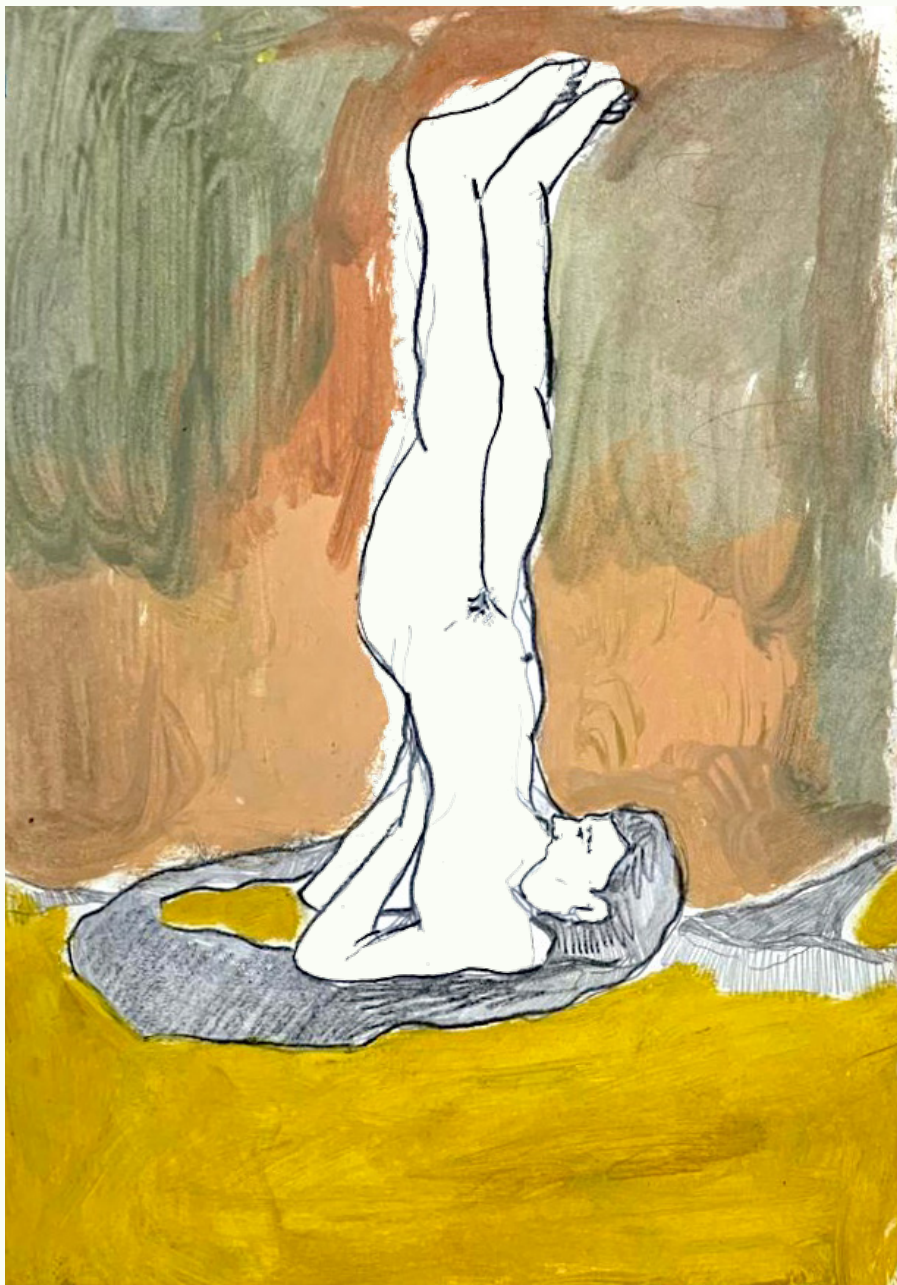
Não sei porque a mulher-víbora me fez pensar
em aranhas. Associação pelo asco.

Desavenças da sala de jantar.
Jogo de desarmar falsas urgências

Uma tia gosta de usar uma pêra na
cabeça e colares de Murano. A outra
cansou de reclamar; deixa o moleque
ir pra longe. Quem sabe ele volta
falando mandarim (hoje em dia dizem
que é muito importante)

Talking heads em contra-plogeé





Paying no attention
I notice everything,
(Robert Walser)

Os dedos descamam revelando o rosa pálido da derme. A subcutis é um pouco mais amarelada.

Dentro do corpo tem muitas cores.

A curva do quadril marca o que é dentro. Fomos ensinados a valorizar as bordas.

O grafite seco enxuga o molhado de dentro. Falsa objetividade.

As cores do corpo são as cores do mundo, melhor aceitar.

Criar raízes.
Velar um corpo aleatório
no cemitério do bairro vizinho.
Indigentes. Errantes. Desterrados.

Judeus colocam uma pedra
sobre as lápides de seus entes queridos. Um
seixo cinza pra dizer: eu estive aqui.
As pedras rolam pra outro canto mas a
presença não.

Seguiremos cada um por si, porque já ficou
tarde.

"We may not have a home
to call our own
but we're gonna make it"

(Fred Moten).





O Deserto Vermelho é o primeiro filme colorido de Michelangelo Antonioni. As cores foram pensadas para acompanhar as mudanças de humor da Monica Vitti. Cada cor escolhida é retirada 24 vezes por segundo. Humores em technicolor.

Visione del silenzio
Angolo vuoto
Pagina senza parole
Una lettera scritta
Sopra un viso
Di pietra e vapore
Amore
Inutile finestra

(Caetano Veloso)



sauna / teletransporte.

No Japão é proibido entrar nos banhos públicos com roupas de banho e tatuagens.

Um corpo tatuado nunca fica nu. Japoneses tatuados são da máfia Yakuza. Em Tokyo existe tudo do mundo inteiro, menos lojas de tatuagem.

A maior sauna gay do mundo é no largo do Arouche, em São Paulo. Mulheres são proibidas de entrar lá, mas as tatuagens são liberadas.

[ENG]

p. 2-3

In my first visits to Maya Weishof's studio at the Pivô Residence¹ in early 2019 her obstinate handling of a large scissors, different colored pencils and some brushes called my attention. It looked like some non-choreographed dance, of little understanding to passers-by in the halls, but not to the drawings scattered along the walls of the cubicle studio, since they always know what that is all about.

To Maya, some drawings are premises to paintings; others, are abandoned promises. The sketches on notebook pages coexist with ongoing paintings and others drying among papercuts and books sprinkled with paint drips.

How does all this connect? The dust in downtown São Paulo makes the sellotape stripes lose its glue and the flying papers seem to morph into fragments of bodies, little monsters, talking heads, and all sorts of non-identified anthropomorphic shapes jumbled on her canvases. In Maya Weishof's work, everything is interconnected but never pasted together. Her images are entangled on a free, frenzied rhythm and look as if they are always up for a change. From James Ensor to Peter Doig, from *The Ugly Duckling* to Jewish traditions, Maya's lysergic (but not psychedelic) compositions follow a peculiar palette, she is a sort of subtropical Sonia Delaunay which moves – elegantly and irreverently – between scatology and eroticism, haute couture and the underground.

Her fellow citizen from Curitiba, Paulo Leminski, wrote:

What is the use of painting
if not to convey
precisely the searching
of what it can best portray
while handling forty
enigmas times seventy?²

I always prefer enigma to ample proof. And in order to talk about Maya Weishof's multi-layered practice we embarked on a shared exercise, a sort of free association game where drawing and writing meet in a free and playful way. "There was never such a thing, a blank page. Ultimately, they all cry out, so loud as to be pale"³, says Leminski in another poem. And the starting point was exactly that: to overlap repertoires, affections, previous conversations and all sorts of online sharing brought by the impossibility to visit the artist and see the paintings up close due to Covid-19 pandemic.

Maya sent me a number of works that are part of the *Espelho Espanto* (Mirroring Astonishing) exhibition at Simões de Assis Gallery. We chose to talk about ten drawings, considering them as possible starting points to her unique universe, the so-called testimony-drawings that hold perforated themes and are constantly reconfigured.

A few days before the setting up of the exhibition I finally saw the pieces in person. It was the first time I was facing recently finished paintings in so many months. I could finally talk to the artist without any electronic mediation, and see the drawings I had been writing about. I walked back home with my eyes overwhelmed by Maya's colors, and left there some words I had been carrying in my pockets: we went on dwelling thresholds and talking about painting.

Fernanda Brenner

¹ In 2019, Maya Weishof participated in the Pivô Art and Research residency in São Paulo.

² Leminski, Paulo. *Sete Assuntos por Segundo* in *Toda Poesia*. Companhia das Letras, 2013, p. 254.

³ Leminski, Paulo. *Plena Pausa* in *Distraídos Venceremos*. Companhia das Letras, 1987.

p. 4

Crowding : anachronia.

They are reunited around a rumor. Some shrug their shoulders. Others dive in. Who said what is of little importance.

The second-hand message fills the gap between the bodies in one second.

Hatch-word: quick relief for the embarrassment of incommunicability.

Some people are just contours

A lot fits in the blank space between the bodies that touch one another but do not intercommunicate.

Whose arms are these? In doubt, I will stick around ...

Enemy rumor.

p. 6

I fear the moment when you enter the room telling me 'I am leaving'.

I stand in fully-dressed silence. Carefully modelled in fireproof fabric (a flameproof blanket folded over my body).

Sometimes there is no way out. The line slips and dissolves the seam, separating what seemed inseparable.

Figures against no backdrop; one of them stands with the feet firmly planted. Some issues linger.

p. 9

Sharpened pencils.

Sharp tips chiseled with a box cutter while focusing on handling wet stains.

- Not having to choose colors is a relief , said Miriam Cahn in an interview.

The light, firm line gains thickness on the first plane. Naughty devil. Some fragments of naked bodies and a faun with a lost gaze: the line chooses its path. The drawing hastily starts and ends when the mind changes subject or the paper flies out of the studio window that is always open to disperse the smell of turpentine.

- Hell is crammed with sharpened pencils.

p. 10

These days, seeing ankles and calves in flesh is a privilege of those who live together.

Choreography more or less rehearsed – life within a rectangle. Zoom.

Trisha Brown drew with her feet. Holding a pencil firmly between the toes requires strength and flexibility. If I move this little finger this or that way, a clumsy heel will ruin it all.

Balanced composition, they say.

Is it a drawing of a dancing body or a body dancing a drawing?

p. 13

ARACHNE

Eight legs and one hundred eyes are the ideal tools to entwine very thin threads.

I have the feeling that spiders are absent-minded, they get distracted in their own threads until they come across a fly and that's it, life is solved.

It is like hands thinking about something else while drawing. Ultimately, it is all about finding the ideal tools: one hundred eyes and a 6B pencil.

I don't know why the viper woman made me think about spiders. Association through repugnance.

p. 14

Disagreement at the dining-room. The game of dismantling false urgencies

An aunt liked to wear a pear on her head and necklaces from Murano. Another was tired of complaining; let the boy go away. He may come back speaking Mandarin (it is said to be very important these days)

Talking heads in contra-plogeé

p. 17

Paying no attention
I notice everything,
(Robert Walser)

Fingers peel off to show the pale pink color of
the dermis. Sub cutis is more to yellowish.

Many colors lay inside the human body.

The curve on the hip tells what is inside. We
were taught to overvalue borders.

Dry graphite dries the wetness coming from
within. False objectivity.

The colors in the body are the colors in the
world, might as well accept them.

p. 18

Create roots.
Mourn a random body
at the cemetery of a nearby village.
Beggars. Wanderers. Unearthed.

Jews place a stone
on the tombstone of their loved ones.
A gray pebble to say: I was here.
The stones roll over but
presence does not.

It is already late; each will follow their way

"We may not have a home
to call our own
but we're gonna make it"
(Fred Moten).

p. 21

Red Desert was Michelangelo Antonioni's
first film shot in colors
The colors were thought
out to keep pace with Monica Vitti's
mood swings. Each selected color is repeated
24 times per second.
Technicolor moods.

Visione del silenzio
Angolo vuoto
Pagina senza parole
Una lettera scritta
Sopra un viso
Di pietra e vapore
Amore
Inutile finestra
(Caetano Veloso)

p. 23

sauna / teleportation.

In Japan it is prohibited to go to public
baths wearing bathing suits or tattoos.
A tattooed body is never entirely naked
Tattooed Japanese belong to Yakuza mafia.
In Tokyo one can find anything from anywhere
in the world,
except for tattoo shops.

The largest gay sauna in the world is located
at Arouche Square,
in São Paulo.
Women are not allowed,
but tattoos are.

